

## SEXUALIDADE E TABU: COMO A EDUCAÇÃO SUPERIOR PERPETUA O PRECONCEITO

Hildinéia Alves<sup>1</sup>; Danielle Twerznik Camargo<sup>2</sup>; Antônio Francisco Marques<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Mestranda Departamento de Educação/Faculdade de Ciências - Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Bauru/SP – (e-mail: hildineia.alves@educatu.com.br); <sup>2</sup>Ms. Danielle Twerznik Camargo. Secretária de Educação do Estado de São Paulo – SP – (e-mail: danielleart3@gmail.com); <sup>3</sup>Professor Assistente Doutor. Departamento de Educação, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista UNESP - Campus de Bauru (e-mail: amarques@fc.unesp.br)

### RESUMO

Esse artigo trata-se de um relato de experiência sobre um trabalho desenvolvido com um grupo de alunos do curso de Pedagogia e Letras do ensino superior. O grupo foi denominado de “Construindo gênero”, realizado no Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel (IMES-SM) no segundo semestre do ano de 2015, como atividade de Estágio Supervisionado em Educação Sexual do curso de Psicologia. O objetivo deste trabalho é realizar uma releitura da importância do Estágio Supervisionado, além de compreender e desmistificar alguns tabus e preconceitos relacionados à sexualidade, discutir sobre a heteronormatividade e refletir sobre como a educação pode reforçar valores e regras estabelecidas ou possibilitar autonomia para o sujeito conhecer seus sonhos e desejos. O presente trabalho apresenta uma abordagem qualitativa, por meio da técnica da observação. Os participantes foram os alunos dos cursos de Graduação de Letras e Pedagogia do próprio Instituto Municipal. Constatou-se que os alunos desconheciam a questão da heteronormatividade e sem perceber utilizavam alguns estereótipos para caracterização do que é ser homem ou mulher. O Estágio Supervisionado contribuiu para experiências significativas, possibilitando a formação profissional, social e cultural, além de garantir um espaço para partilha de conhecimentos, discussão e reflexão sobre sexualidade e gênero.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado. Heteronormatividade. Questões de Gênero.

### INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado em Educação Sexual faz parte do currículo do curso de Graduação em Psicologia e possibilita ao aluno a experiência com a realidade Educacional na Instituição Universitária e na realidade escolar. Ocorre aprendizado entre ambas as partes, ou seja, entre o aluno que poderá vivenciar a teoria na prática e os participantes que são beneficiados com os conhecimentos compartilhados. De acordo com Melo e Urbanetz (2012):

A premissa maior da dialética aqui exposta é que o predomínio deve ser da prática sobre a teoria, numa relação de mútua dependência. É por meio do horizonte dado pela prática que a teoria deve se guiar, e não o contrário. Somente assim a teoria pode estabelecer com a prática o seu papel social, que é auxiliar na sua melhor compreensão e na resolução dos problemas dela advindos. Significa dizer que a

prática é que é o verdadeiro parâmetro da teoria, o seu fundamento e finalidade. (MELO; URBANETZ, 2012, p. 140).

Selma Garrido (1999, p.23) ressalta a importância do trabalho de professores e alunos na educação, bem como “o trabalho coletivo e interdisciplinar destes com o conhecimento, numa perspectiva de inserção social crítica e transformadora”, sendo a escola um espaço de formação contínua para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem denominado estágio supervisionado. Segundo Freire (1996, p.12) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”

A escola é um espaço educativo e de socialização no qual crianças, adolescentes e jovens passam grande parte do tempo e vivem diferentes formas de aprendizado, por meio dos conteúdos compartilhados no decorrer das aulas e estudos e também nas interações e vínculos que se estabelecem. Assim, é importante destacar como os padrões, os preconceitos e as violências que ocorrem na sociedade em geral também estão presentes no espaço da escola, o que torna necessária a reflexão sobre como será o posicionamento de educadores e educadoras diante dessas questões.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são apresentadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se constitui sobre os sexos. (LOURO, 1997, p. 21).

Nossa sociedade ainda reprime a sexualidade, considerando-a como um tabu, envolta por preconceitos. A educação sexual é transmitida de modo repressivo, com interdições, valores e regras estabelecidas socialmente. Por meio dessa educação, os valores e as proibições sociais são assimilados por alunos e professores, internalizados e manifestos em forma de culpa e vergonha. Segundo Scott (1995, p.86) “[...] essas afirmações normativas dependem da rejeição ou da repressão de possibilidades alternativas e, algumas vezes, elas são abertamente contestadas”.

Desde pequenas as crianças aprendem a associar o sexo a algo sujo, perigoso e às vezes até pecaminoso. Algumas famílias e educadores reforçam essas ideias por meio de repressões verbais, sem nenhuma explicação biológica ou psicológica.

Redobra-se ou renova-se a vigilância sobre a sexualidade, mas essa vigilância não sufoca a curiosidade e o interesse, conseguindo, apenas, limitar sua manifestação desembaraçada e sua expressão franca. As perguntas, as fantasias, as dúvidas e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado. Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. (LOURO, 2010, p. 27).

Discutir no grupo como essa repressão ocorre de modo naturalizado possibilitou, de alguma forma, modificar o olhar dos futuros educadores que terão mais sensibilidade perante a educação de meninas e meninos.

Ao modificar o modo de olhar dos futuros educadores podemos afirmar a importância do estágio supervisionado na formação de todos os envolvidos e a necessidade de projetos de intervenção que contribuam para mudanças sociais, por meio de espaços de discussões,

reflexões e partilha de conhecimentos. O envolvimento dos participantes durante o desenvolvimento deste trabalho e as possibilidades de mudanças na realidade social em que eles atuam justificam a importância deste trabalho, que teve por objetivo realizar uma releitura sobre a importância do estágio e garantir um espaço para partilha de conhecimentos, discussão e reflexão sobre sexualidade e gênero.

## PERCURSO METODOLÓGICO

O grupo foi realizado por meio de encontros semanais com a duração de uma hora cada. Foram realizados seis encontros, sendo um encontro por semana. Entretanto vale ressaltar que nesse artigo será relatado apenas um dos encontros. O grupo foi destinado a estudantes de graduação, em licenciatura, dos cursos de Pedagogia e Letras.

Em estudos sobre sexualidade é inevitável que surjam questões individuais e subjetividades em diversos momentos, seja entre os participantes ou mesmo entre estes e a pessoa que conduz os estudos. Por isso, esse trabalho apresenta uma abordagem qualitativa, por meio da técnica da observação, valorizando ideias, sensações, dúvidas e contribuições dos participantes. No trabalho apresenta uma abordagem qualitativa por meio técnica da observação. Para Marconi & Lakatos (2009, p.192) a observação “é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”.

Os materiais utilizados para a realização dos encontros foram slides, vídeos, músicas e textos que eram explicados pelas estagiárias e também comentados pelos(as) participantes. A cada encontro, os temas eram explanados de modo interrogativo, instigando a participação de todas as pessoas, que na maioria das vezes realizavam comentários, davam exemplos e sugestões.

O encontro que será aqui apresentado e discutido teve início às 18h com os 20 participantes que já estavam na sala. Eles estavam muito falantes e ao serem questionados sobre o motivo de tanta conversa, responderam que teriam prova neste dia e estavam muito nervosos. Iniciou-se recapitulando um pouco dos conteúdos que já haviam sido abordados nos encontros anteriores, a respeito de como os pais e a sociedade ensinam a criança a agir e a se comportar conforme o seu sexo biológico, retomando que a descoberta do sexo do bebê mobiliza os pais e a sociedade de modo geral a depositarem expectativas distintas para cada sexo em relação a roupas, brinquedos, comportamentos, sonhos, desejos e planos futuros. Acrescentou-se, ainda, que todos esses fatores contribuem para a repressão sexual de ambos os sexos em medidas bem distintas para cada um deles.

Ao explicar sobre repressão e prazer foi esclarecido como ambos são bem distintos em conformidade com o sexo biológico, já que a sociedade padroniza culturalmente o que é aceito para as meninas e o que é aceito para os meninos. Explicou-se, também, sobre como os valores, as interdições e as regras sociais corroboram para a repressão sexual. Acrescentou-se que o sexo, gênero e sexualidade ainda são muito reprimidos, repletos de tabus e preconceitos, o que conseqüentemente faz com que a maioria das pessoas não saiba diferenciar o que realmente desejam do que aprenderam a desejar. Tais práticas sociais contribuem para o controle social do corpo e da sexualidade das pessoas.

Discutir gênero é se situar em um espaço de lutas marcado por interesses múltiplos. A natureza do gênero é ser desde sempre cultura. Nas últimas décadas, essa disputa interna e externa ao mundo acadêmico ficou explicitada. Cientistas sociais, historiadoras/res, filósofas/os e alguns setores do ativismo LGBTTI (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos) vêm produzindo discursos contra-hegemônicos ao poder/saber da biomedicina. (BENTO; PELÚCIO, 2012, p. 575).

Foi explicado também que por meio da educação os valores e as proibições sociais são assimilados, internalizados e podem ser expressos em forma de culpa ou vergonha. Dialogamos sobre o “pressuposto de que há múltiplas possibilidades de experiências e práticas de gênero [...]” (BENTO; PELÚCIO, 2012, p. 576). Nos termos que vem sendo pesquisada e implementada a temática de gênero e sexualidade assume uma “[...] categoria científica, por isso mesmo histórica, o que significa considerar também seu caráter político.” (BENTO; PELÚCIO, 2012, p. 576). Devido a esse caráter histórico-social, desde cedo as crianças aprendem a relacionar o sexo a algo sujo, perigoso e proibido. Levantou-se a questão do quanto tudo isso é reforçado dentro do ambiente familiar, que pouco dialoga sobre as dúvidas e curiosidades das crianças.

O momento de maior atenção e participação foi durante a explicação da tabela sobre corpo, gênero e orientação sexual. Os alunos participaram respondendo às perguntas que eram feitas pela estagiária. Após o término do estudo da tabela os alunos disseram ter achado difícil considerar como “homem” se tem vagina, ou como “mulher” se tem pênis. Vale destacar que devemos olhar para a questão do gênero em relação a como a pessoa se identifica e não segundo os interesses hegemônicos do Estado.

Se, para o Estado, os/as normais de gênero são aqueles/as que têm uma correspondência entre genitália, performance e práticas eróticas e se essa definição gera um modus operante que exclui sujeitos que estão nos seus marcos, estamos diante de uma contradição com sua própria definição universalizante. A resposta para resolver essa contradição nos limites do DSM é a inclusão excludente. O silêncio diante de uma produção e reprodução de uma cidadania precária e deficitária, intencionalmente implementada pelo Estado, nos retira da posição de vítimas para a de cúmplices. Concordar que o gênero continue sendo diagnosticado, em vez de questionado, é permitir que os seres construídos como abjetos devam continuar habitando as margens do Estado. (BENTO; PELÚCIO, 2012, p. 575).

O encontro possibilitou que os alunos deixassem, pois, a posição de vítimas ou cúmplices, haja vista que puderam participar ativamente. Uma das atividades propostas foi o desafio, de adivinhar qual produto era oferecido em cada propaganda, projetada em slides. Vale ressaltar que, nas propagandas apareciam mulheres e, era possível pensar que em todas o produto a ser vendido eram as mulheres. Houve questionamento e participação durante o desafio de tentar adivinhar qual era o produto que estava sendo divulgado em cada propaganda. Os alunos falaram, deram exemplos, demonstraram atenção em cada *slide* que era apresentado e foram protagonistas nos momentos de discussões. No final, ao revelar qual era o produto, todos se mostraram perplexos. Relataram que não dava para saber qual era o produto. Uma aluna disse: “Isso é banalização com o corpo da mulher”. Outra aluna falou: “A mulher aparece como um objeto, fácil, fútil e como um produto a ser vendido”.

Quando acabou o encontro, uma aluna, já senhora, resolveu fazer um desabafo. Segundo ela, sua filha é homossexual e mora junto com sua namorada em outra cidade. Ela

acrescentou que sempre teve desconfiança, mas nunca teve coragem de tocar no assunto ou aceitar sua filha assim. Em seu relato, afirma que a própria filha a procurou para conversar e iniciou dizendo que teve coragem de contar a verdade porque a mãe está participando do grupo de estudos.

Relata ainda que sua filha sempre quis contar, mas sabia que a mãe não aceitaria, e que ficou muito feliz quando soube que a mãe participaria do grupo de estudos sobre gênero, incentivando-a em tal participação. A aluna contou seu relato com lágrimas e alguns sorrisos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O maior objetivo desse encontro foi retomar como os pais e a sociedade depositam expectativas nas crianças desde a primeira infância, de acordo com o sexo. Apresentar que essas expectativas em relação a roupas, brinquedos, comportamentos, sonhos e desejos contribuem para a repressão sexual de meninos e meninas, homens e mulheres.

Desmistificar alguns tabus e preconceitos relacionados à sexualidade, discutir sobre a heteronormatividade e refletir sobre como a educação pode reforçar valores e regras estabelecidas ou possibilitar autonomia para o sujeito conhecer seus sonhos e desejos. Visto que os estudantes demonstraram-se atentos e participativos durante o encontro, fazendo perguntas, citando exemplos e oferecendo sugestões, considera-se que o objetivo foi alcançado com êxito.

O ponto mais marcante da realização do grupo refere-se à intensa participação e envolvimento dos(as) integrantes em refletir e dialogar sobre o tema proposto. Pôde-se perceber que os participantes sentiram certa dificuldade em compreender algumas questões da sexualidade como naturais e outras como aprendidas, verificou-se então a necessidade da intervenção para o grupo, de forma a abordar a construção que a sociedade emprega aos indivíduos, desde a infância.

“Sexualidade e Gênero” foi um tema que gerou interesse entre os participantes porque foram apresentadas algumas imagens de propaganda, onde na maioria delas o produto que aparentava estar sendo vendido eram as mulheres. Essa atividade convidava os estudantes a participarem, na tentativa de adivinhar qual era o produto que estava sendo anunciado. Muitos dos estudantes falaram e argumentaram sobre a banalização do corpo da mulher, sendo oferecido e divulgado como uma mercadoria.

O grupo de estudos “Construindo gênero” permitiu que os futuros profissionais da educação possam pensar sobre as questões de gênero, desconstruindo muito do que parece natural e redescobrimo significados que são construídos de modo particular por cada pessoa. Segundo Auad (2006) as relações de gênero estão em toda parte e se tais relações são construídas e mantidas, elas não são inatas e imutáveis, sendo, pois, passíveis de reconstrução e transformação.

A maioria dos participantes afirmou que desconhecia a questão da heteronormatividade e que utilizava alguns estereótipos como “mulher se veste assim” e “homem de outro jeito” para caracterizar e diferenciar o que é ser homem ou mulher sem perceber que fazer uso de um modelo genérico do masculino, por exemplo,

[...] ao qual estamos submetidos, passa-nos despercebidos pela simples razão de que temos sempre visto dessa maneira, e isso faz com que nos pareça ser o “natural” e por isso passamos a considerá-lo como universal e eterno, isto é, ele não nos surpreende, nem o vemos como modificável. (MORENO, 1999, p.36).

De acordo com Pastana (2014, p.498) “os grupos de educação sexual podem ser um espaço de combate ao preconceito, à discriminação, à violência, estimulando o diálogo e consciência crítica sobre como esses elementos são muito presentes em nossa sociedade e em nossa educação”. Nesse encontro pudemos questionar conceitos pré-estabelecidos ao invés de somente aceitá-los como verdadeiros e únicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cada encontro os alunos demonstram-se mais interessados e participativos. Pode-se perceber que eles desconheciam a questão da heteronormatividade e dialogar foi muito importante para o aprendizado no estágio e para os alunos no grupo de estudos.

Os estudos realizados no grupo puderam, de alguma forma, ajudar as pessoas a dialogarem e combaterem a falsa ideia de que existe apenas duas formas de ser humano, ou seja, homem e mulher.

O estágio no grupo de estudos “Construindo gênero” representou um misto de aprendizagem, ao passo que preparar o encontro permitiu ampliar conhecimentos, por meio de leituras, análise de vídeos e interpretação de propagandas. Ao partilhar conhecimentos, cada aluno contribuía com experiências pessoais, profissionais, além de sugestões. Criou-se um espaço onde todos puderam ensinar e aprender, foi uma troca mútua de saberes, aprendizagens e desejos em prol de uma educação sexual menos preconceituosa.

Foi possível perceber que os alunos desconheciam a questão da heteronormatividade e sem perceber utilizavam alguns estereótipos para caracterização do que é ser homem ou mulher em suas falas. Por meio do estágio foi possível desconstruir preconceitos e instrumentalizar os sujeitos para lutarem e terem garantidos os seus direitos. Os futuros educadores puderam pensar em desconstruir os padrões de gênero e de sexualidade que são transmitidos pela sociedade de modo preconceituoso e machista. Cabe aos futuros educadores desmistificarem que existem apenas dois tipos de seres humanos pautados no sexo masculino e feminino e que existe um único modelo de sexualidade a ser seguido por todas as pessoas.

Os estudos realizados neste encontro poderão contribuir para uma nova organização da prática educacional, desde a educação infantil até as universidades, onde cada educador(a) possibilite que seus educandos e educandas experimentem e conheçam infinitos modos de ser, sonhar e amar, sem determinar sonhos e comportamentos distintos para meninas e meninos.

O Estágio Supervisionado contribuiu para experiências significativas, possibilitando a formação profissional, social e cultural, além de garantir um espaço para partilha de conhecimentos, discussão e reflexão sobre sexualidade e gênero. Foi possível pensar nas relações de gênero como um confronto com nós mesmos(as), por sermos educados(as) com princípios preconceituosos e machistas, mas que podemos reelaborar um novo significado para nossa história pessoal e profissional.

## REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 559-568, ago. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2012000200017&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200017&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 26 mar. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PIMENTA, S. G & LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 3ªed. São Paulo: Cortez, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 7ªed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (org.) **O Corpo Educação**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MARCONI, M. A. & LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5º ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, Alessandro de; URBANETZ. **Fundamentos de Didática**. 1ªed. Curitiba: Intersaberes, 2012.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

PASTANA, Marcela. **Muito Prazer!?** Discussões sobre sexualidade, gênero e educação sexual a partir da análise de revistas femininas e masculinas. 2014. 552 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar), Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara- FCLAR, UNESP, Araraquara, 2014.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n.2, p.71-99, jul./dez. 1995.

## **SEXUALITY AND TABOO: HOW HIGHER EDUCATION PERPETUATES THE PREJUDICE**

### **ABSTRACT**

This article is about an experience report about a work developed with a group of students of the Pedagogy and Letters course of higher education. The group was called "Building gender", held in the Municipal Institute of Higher Education of São Manuel (IMES-SM), in the second half of 2015, as a Supervised Practicum in Sexual Education in the graduation of Psychology. The objective of this work is to re-read the importance of the Supervised Practicum in addition to understanding and demystifying some taboos and

prejudices related to sexuality, discussing heteronormativity and reflecting on how education can reinforce established values and rules or allow autonomy for the subject to know their dreams and desires. The present work presents a qualitative approach, through the technique of observation, the participants were the students of the courses of Graduation of Letters and Pedagogy of the own Municipal Institute. It was verified that the students did not know the heteronormativity question and without realizing they used some stereotypes to characterize what it is to be male or female. The Supervised Practicum has contributed to meaningful experiences, enabling professional, social and cultural training, as well as guaranteeing a space for sharing knowledge, discussion and reflection on sexuality and gender.

**Keywords:** Supervised Practicum. Heteronormativity. Gender Issues.